

## COLABORAÇÕES NO BALNEÁRIO DOS PRAZERES: FOTOGRAFIA E VÍDEO NA CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

MARA REGINA DA SILVA NUNES<sup>1</sup>; ALICE JEAN MONSELL <sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – mara.mrsn@gmail.com 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – alicemondomestico@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre a poética visual que desenvolvo no projeto de pesquisa na área de Artes Visuais, intitulado Balneário dos Prazeres: Fotografia e Vídeo na Conservação Ambiental. Atualmente sou aluna regular do Mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel e atuo como colaboradora do Grupo de Pesquisa DesLOCC Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas (CNPq/UFPel). No projeto, tenho como objetivo saber se por meio da fotografia e do vídeo é possível contribuir para maior visibilidade dos danos ambientais, como erosão e queimadas das árvores do Balneário dos Prazeres, também chamado de Barro Duro que se localiza na Praia do Laranjal, Pelotas – RS.

Através de uma produção fotográfica e videográfica, visio promover a consciência ecológica da comunidade local, e em outros locais do município e fora dele. Assim, durante a pesquisa, ao me aproximar da comunidade, busco por meio da sua colaboração um pensamento voltado à conservação ambiental. Para discutir esta questão, trago o livro *As Três Ecologias* de Félix GUATTARI (2012, p. 8) que reafirma a importância de considerar três registros ecológicos: a subjetividade, as relações sociais e o meio ambiente. Estes três aspectos fundamentam meu processo criativo em que as fotografias e os vídeos, são produzidos por procedimentos de interações sociais, encontros e diálogos com moradores. Neste trabalho, portanto, meu foco será no vídeo intitulado Vida.

As questões de diálogo, o ato de compartilhar e a colaboração serão discutidas em relação ao BOHM (2005). Quanto ao autor Francisco Duarte Junior, este se refere sobre as experiências concretas que conduzem a pensamentos imateriais e analíticos que partem de uma relação sensível com o mundo. Quanto a metodologia cito Sandra Rey que se refere a obra como um *devir*.

### 2. METODOLOGIA

Neste projeto a metodologia de pesquisa em poéticas visuais é utilizada de forma que a teoria emerge da prática artística, e serve para analisar e refletir criticamente sobre o processo criativo e seus procedimentos, como a colaboração com a comunidade e a fotografia. Segundo Sandra Rey:

[...] pensar a obra como processo, implica pensar este processo, não como um meio para atingir um determinado fim — a obra acabada — mas como *devir*. Implica pensar que a obra não avança segundo um projeto estabelecido, ela avança segundo este a priori: *a obra está constantemente em processo com ela mesma*. (REY, 1999, p. 87)

Assim, o que venho realizando está constante mente em processo de acordo com o que Rey coloca. Ao produzir *Vida*, um vídeo que mostra uma caminhada na mata do Balneário dos Prazeres, nela busquei compartilhar numa microação com a colaboração de um menino da comunidade, Gustavo Velasques Britto e de sua família, (notando que sou residente no Balneário dos Prazeres). Nesse vídeo, contei com o apoio dos pais Laura Beatriz Timm Velasques na captação das imagens e Ivanhoé Ricardo de Calderón Britto na edição do vídeo.

No início da filmagem há uma cena em que mostra o momento que estamos colhendo uma muda de palmeira no pátio da minha casa, e posteriormente fomos em direção à mata nativa, num contato direto com a flora e figueiras centenárias que lá existem e realizarmos o plantio. As atividades videogravadas de caminhar e de plantar considero microações eco-artísticas.

Durante a filmagem uma das cenas mostra momentos de contrastes, ao mesmo tempo em que existe a beleza da mata nativa aparecem materiais descartados.

Ao caminarmos na orla da praia, Gustavo ao se deparar com uma enorme figueira que está prestes a tombar, e tem raízes que estão soltas da areia, e a copa pende em direção à Lagoa dos Patos. A partir de sua percepção infantil diz que a árvore está voando. Noutra cena no momento em que estamos cavando para plantar a muda, Gustavo encontra plásticos enterrados na terra. Assim, nessa microação eco - artística havia uma imersão em que todos nós estávamos voltados a uma experiência ao mesmo tempo concreta e no desenvolvimento do sensível.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse vídeo, e outros elaborados com a colaboração da família Britto, cada encontro se torna uma microação eco - artística que se relaciona às três instâncias ecológicas defendidas por GUATTARI (2012), que envolvem práticas sociais simples do cotidiano, propostas envolvendo o plantar, o cavar, o desenterrar e enterrar a muda. Nelas se institui uma consciência que deve se propagar, pois atua como uma experiência subjetiva e conjunta. Assim, por ser videogravada, as ações não se encerrariam naquele momento, e a colaboração em família, junto a artista e também moradora da comunidade, as impressões do Gustavo sobre a realidade, seu questionamento e preocupação vão permanecer.

As microações eco-artísticas, são experiências que oportunizam estar diante de uma realidade que não acontece apenas em um local, mas em todo o planeta. Ao estar com as pessoas da comunidade, tenho como objetivo vivenciar a ecologia social, que de acordo GUATTARI (2012, p.33) “deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas em todos os níveis do *socius*.”, (palavra de origem latina ‘associado, unido’ segundo Houais, (2009, p.1761). As microações eco-artísticas oportunizam construir uma maior consciência ecológica por meio da experiência, e pode potencializar mudanças sociais e ambientais, para GUATTARI implica:

A questão será literalmente reconstituir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. E não somente pelas intervenções “comunicacionais”, mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade. (GUATTARI, 2012, p.16).

O autor se refere justamente ao agir em grupo, pois no momento em que exista envolvimento nas ações, a subjetividade de cada um e do grupo vai sendo trabalhada. No caso a família Britto, ao fazerem parte das atividades, não são

apenas um receptor passivo, como é o caso de ‘intervenções comunicacionais’ como coloca Guattari, mas fazem parte do contexto, e nele existe a experiência da ação, um envolvimento que “dizem respeito a *essência da subjetividade*’ como coloca GUATTARI (2012, p.16) que diz: “Nesse domínio, não nos ateríamos às recomendações gerais, mas faríamos funcionar práticas efetivas de experimentação, tanto nos níveis microssociais quanto em escalas institucionais maiores.”.

Segundo BOHM (2005), no livro *Diálogo: comunicação e redes de convivência*, o instante em que estamos num movimento de compartilhar e colaborar leva a descobertas significativas:

Se todos compartilharmos um significado comum, participaremos juntos. Tomaremos parte no significado coletivo – da mesma forma que as pessoas se alimentam juntas. Participaremos, comunicaremos e criaremos um significado que é de todos, o que quer dizer tanto “compartilhar” como “fazer parte de”. Isso significa que surgiria uma consciência comum dessa participação, que nem por isso excluiria as consciências individuais. Cada indivíduo sustentaria sua opinião, mas esta seria absorvida pelo grupo. (BOHM, 2005, p.66).

As microações eco-artísticas podem levar à conscientização e ao fortalecimento ‘subjetivo individual e do grupo’ por meio da participação. Há um somatório que acontece na partilha de ‘significados comuns’ que são importantes e fazem parte do cotidiano, e segundo Bohm dessa união conjunta surge uma ‘consciência comum’.

Numa das cenas em que Gustavo se depara com os materiais descartados ele examina o que foi deixado, e fala o nome ao visualiza-los, consiste nessa relação com o que está no seu entorno. Segundo João Francisco Duarte Junior:

[...] sentir o mundo consiste, primordialmente, em sentir aquela sua porção que tenho ao meu redor, para que então qualquer pensamento e raciocínio abstrato acerca dele possa acontecer a partir de bases concretas e, antes de tudo, sensíveis. [...]” (JUNIOR, 2000, p.181)

Estes são momentos de descobertas significativas, que resultaram da experiência e do que existe a minha volta. Nessa microação que faz parte do vídeo *Vida*, compartilho um relato do Gustavo, após ter olhado atentamente a grande quantidade de materiais, que ele foi descrevendo como ‘computadores, pneus’ e outros resíduos que foram descartados na mata - cena que provocou seu desabafo,

*Se joga lixinho no chão sabe o que acontece? – O mundo eu acho que morre quando você joga no chão, o lixo no chão. E também não deve jogar lixo no chão que estraga a natureza, entendeu? Quando você joga o lixo no chão eu acho que ele nunca vai sair de lá, nunca, nunca. Vai ficar ali para sempre eu acho, é isso que eu acho, entendeu?* (BRITTO. Gustavo, *VIDA*, vídeo, Balneário dos Prazeres [11 junho de 2019] depoimento concedido a Mara Nunes.

No instante em que fala que os materiais poderiam ‘ficar ali para sempre’, traz a realidade atual do lixo que invade o planeta, e coloca que este ‘nunca vai sair de lá’. Assim, para que existam participações e descobertas de significados, tem que haver união e diálogo, pois, segundo o Bohm (2005) afirma: “Sustento que a sociedade se baseia em significados compartilhados, os quais constituem a cultura. Se não compartilharmos significados coerentes, não construiremos uma sociedade digna desse nome [...]” (BOHM, 2005, p. 67)

#### 4. CONCLUSÕES

Até o momento, neste projeto em andamento, o vídeo, mais do que a fotografia, parece ser o meios artístico mais adequado para mostrar o contexto da destruição ambiental no Balneário. Porém, para que tenha uma efetividade o projeto proposto, é necessário que se estabeleça uma maior interação com os moradores. A aproximação com a comunidade é um pouco vagarosa para atingir um número maior de pessoas, indo ao encontro de suas vivências. Até o presente momento, depois de ter experimentado no processo criativo com a fotografia e o vídeo, as microações eco-artísticas podem ser potencializadoras de uma consciencia ecologica tanto individual como social.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOHM, D.. **Diálogo: comunicação e redes de convivência**. São Paulo: Palas Athena, 2005.

GUATTARI, F. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

HOUAISS, A. VILLAR, M.S.; FRANCO, F.M.M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

JÚNIOR, J.F.D. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

REY, S. *Da pratica à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais*. **Revista de Artes Visuais**, Porto Alegre, v.7,n.13,p.81-95, nov.1996.

CORPUS. *In: DICCIONARIO, Houaiss de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva,2009 ano

BRITTO, V.G. Video, depoimento. *Vida*. a Mara Regina da Silva Nunes, junho: 2019.